

## Como começar uma conversa sobre amor

Primeira estação: *Mudar por um amor arriscado, sentir-se menos rejeitado?*



### Capítulo III : Agosto – Descobrir o que fazer para progredir

Uma utilidade de férias é garantir o descanso de quem trabalha ou estuda. Poder deixar de lado suas atividades diárias pelo menos durante algumas semanas ajuda a relaxar a mente, o corpo, o espírito e o chefe ou professor ou sei lá o quê.

Sendo uma pessoa que não fazia nada além de ir para a escola, contudo, Anna passou as férias inteiras vendo televisão, ou lendo fanfics de histórias que ela vira em filmes, ou indo passear com a mãe pelo centro da cidade, assim como no ano anterior, e no ano antes do ano anterior, e por aí vai. Era um costume normal (e era algo que ela fazia em qualquer hora, sendo férias ou não).

Claro, graças a esse costume, tinha cada vez mais a ideia de que, como uma legítima garota adolescente, deveria aproveitar e sair com um garoto. Ou ir divertir-se em shoppings com as amigas. Pensava ser a única garota que ainda não fazia isso, então tinha alguma vontade de mudar essa realidade. Mas nem tinha sombra de namorado aonde a previsão de futuro dela alcançava, e só ganharia um celular depois da reunião de pais de agosto, se o pai dela achasse que suas notas estavam boas o bastante.

Mas bem, já falamos o suficiente sobre as férias, e como nenhum período de férias dura para sempre, voltemos aos estudos, em agosto. No dia de retorno às aulas, garotas barulhentas falando o que fizeram durante o tempo em que estiveram distantes, sem vontade de entrar na sala.

— Conheci um monte de garotos bacanas por lá, graças à minhas primas. — Paula relatava — Ah, e a Joyce quase arranjou um namorado! Ela me contou...

— Foi tão triste me despedir dele... Bonito, divertido, corpo de surfista... — Joyce contava sonhadoramente suas aventuras românticas durante a viagem. — Trocamos contatos, e depois eu passo pra vocês!

— Ok, mas o negócio é não se apegar demais... Ou vai se mudar só pra ficar com ele de vez? — Paula cutucou, e a garota respondeu, com uma emoção simulada:

— Até parece que eu abandonaria vocês só por causa de um garoto! Vocês são minhas *melhores* amigas, para sempre!

Abraços.

— Então a curtidão foi alta, pelo que parece! — Christine comentou, com ciúmes das amigas. — Fiquei tão sozinha aqui, sem vocês pra saírem comigo!

Da próxima vez, viajariam todas juntas, prometeram. Mas não sei dizer se Anna estava incluída, pois chegou um pouco mais tarde. E, quando chegou...

— Oi, Anna, sentimos saudades! — falou Paula, ~~simulando que estava animada.~~

— Como passou suas férias? — Joyce interrogou.

— Conheceu muitos garotos? — Christine questionou com curiosidade.

Anna se viu confusa diante de tantas perguntas, balbuciou qualquer coisa como resposta e ouviu-as narrarem as férias. Nisso, voltou a sentir vergonha por não ter contos de amor e paixão para narrar.



Em uma aula vaga uns dias mais tarde, as garotas saíram para pegar algum lanche na

cantina, e Saulo viu Anna encolhida sobre a própria carteira, escondida atrás dos braços.

— O que aconteceu? — perguntou ele. Achou que ela estava triste.

— Não sei o que fazer. — A amiga respondeu. Pelo menos a voz estava firme, indicando que ela não estava chorando.

— Como assim? Alguma coisa deu errado?

Ela levantou a cabeça, mas continuou amuada. Respondeu:

— Não, está tudo bem. É que... As meninas (referindo-se às amigas) ficam falando o tempo todo sobre rapazes, sobre namoros e afins... E eu fico só ouvindo, sem ter assunto para falar.

— Ué, fale sobre artistas de novelas. Você deve gostar de algum, não é?

— É que elas falam mais sobre os próprios *namorados*.

— Ah. — Saulo entendia aquele sentimento, só não sabia o que comentar em resposta. Anna, após **não** obter resposta, resolveu dizer o que realmente lhe afligia:

— Queria *mudar*. Queria entender elas. Queria ter um namorado.

“Assim, teria assunto para falar com elas. Falar de alguém que eu goste, que está comigo. Finalmente curtir um romance, uma vida de menina adolescente!”

(Considerações: Anna precisava entender que, simplesmente pelo fato de ter quatorze anos, de acordo com a lei ela já tinha uma vida de menina adolescente.)

Saulo tinha o mesmo ponto de vista. Queria ter uma namorada. A diferença é que ele conseguia **não** fazer disso sua meta de vida, e disse o que pensava de tudo isso:

— Na hora certa, você vai conhecer alguém legal, não se preocupe. E elas tem que te aceitar do jeito que você é, então não mude por causa de outros.



Esperar pela hora certa, pela pessoa certa, pelo momento certo. É como se dissessem que a pessoa com quem você vai se casar caísse do céu, e você se apaixonasse perdidamente por ela assim que a segurasse (~~para evitar que caísse direto no chão, oras!~~). Tá bom que tem muitos animes (ficção) em que isso acontece, mas não é muita utopia? Era melhor saber o que fazer, nem que fosse o básico.

Afinal, você vai em algum lugar novo, completamente diferente. Não sabe o que vai encontrar lá. Não sabe se as pessoas de lá são iguais às da sua terra. Só saberá depois que for, depois que enfrentar o desconhecido.

Mas... Estamos lidando com sentimentos aqui. Trata-se de duas pessoas em uma relação, que depende de amor, de confiança e de respeito (~~e de sorte para não encontrar uma Laís pelo meio~~). Não é um problema se você nunca foi em um lugar e precisa ir num horário marcado, e o colega que disse que te levaria lá atrasa, ou não vai? Depender de outras pessoas pode nem sempre ser uma boa opção. Esperar pela vontade de outros para suprir o próprio desejo, portanto, atrapalha.



Por outro lado, saber falar com as pessoas certas na hora certa é garantia de sucesso ou de certeza.

Já perto do fim do mês...

— Então é verdade? — Joyce, curiosa.

— Pois é, parece que já faz quase uma semana! — Paula, alegre.

— Então, a máscara caiu, finalmente. — Christine, satisfeita.

— O que aconteceu? — Anna, ao chegar na classe e ver as três cochichando animadas.

— Sabe a Gi? Então, o garoto que estava ficando com ela pediu pra *terminar*! — Paula explicou, e Joyce acenou confirmando.

— Desistiu de tanta falsidade. — Chris apenas murmurou, com um sorriso.

Anna lembrava que elas comentaram algo em junho (lembra-se? Sobre Gi e um ficante andando pelo shopping no dia dos namorados), mas não sabia que estavam até então juntos. Ou será que era outro? Difícil entender...

— Agora vai ficar se fazendo de coitadinha até arranjar outro bajulador. Aguentemos tamanha cara de pau. — reclamou Joyce, e Chris comentou:

— Sempre tem uns que pegam qualquer \*\*\*\*\* (leia-se: garota de atitude) que encontram. Principalmente as que *parecerem* carentes.

Como Anna **não** gostava desse tipo de assunto (pois lembrava-a dos tempos em que era a ofendida), se afastou discretamente.

No dia seguinte, durante uma atividade com a dupla “alternativa” (os professores achavam aquele método de juntar com a carteira ao lado mais produtivo do que escolher a própria dupla, para horror das três amigas), Anna foi questionada por Saulo:

— Suas amigas, que sabem da vida de todo mundo, comentaram alguma coisa sobre a Giulia não estar mais namorando? — cochichou ele.

— Sim, comentaram ontem. — ela respondeu em voz baixa.

“Será que eu deveria perguntar se é verdade que ele gosta dela?”, pensou Anna. Eu responderia que é meio óbvio, principalmente porque Saulo ficou mais animado após ouvir a confirmação. Mas...

“Me declarar agora para ela não daria certo, pois parece que estou me aproveitando de que ela rompeu o namoro! Porém, se eu esperar demais, ela pode começar outro relacionamento. O que eu faço?” Essa era a dúvida que martelava a mente do garoto, e agora foi a vez dele se debruçar sobre a carteira pensativo.



Tá aí um caso em que você não pode esperar que a declaração (~~ou a pessoa~~) caia do céu e precisa ter vontade própria.

— Saulo, está tudo bem? — Agora foi a vez dela ajudar o amigo.

— Surgiu um dilema para mim.

Mas, como luz no fim do túnel, Saulo notou que havia uma garota sentada ao seu lado esquerdo. Olha que lindo, bem do lado onde o coração bate no peito! (awwwn) Anna poderia (talvez) resolver aquele dilema! Começou a falar:

— Sabe, eu comecei a fazer uma história de romance — “Que legal!”, pensou a garota (e não era totalmente mentira – Saulo tinha alguns rascunhos de contos guardados!). Ele continuou — O garoto, protagonista, quer se declarar para a garota que ele gosta. Só que ela... Está passando por uma “crise emocional”. Será que seria indelicado ele se declarar agora?

Pergunta estranha para a pessoa errada. Anna não captara que Saulo estava falando de si mesmo (sorte dele, pois algumas pessoas já interligariam de cara). E questionou, interessada pelo desenrolar do conto:

— Que tipo de crise emocional? Algo como depressão?

— Não, não. Algo mais simples, por exemplo... — “Ai. Vamos lá.” — ...Ela terminou o namoro com outro garoto recentemente.

“Essa história parece real. Será que...” E pronto, estava resolvida a charada de quem eram, de verdade, os personagens dessa história: Saulo, que gostava de Giulia.



Respeitando a vontade de Saulo de não admitir essa verdade...:

— Ah, então não é uma história de drama. Bem, acho que ela gostaria de um tempo para relaxar, acertar as ideias. E o protagonista poderia ajudar conversando um ela, mas só se eles já tiverem uma certa intimidade. — baseado em filmes de romance para adolescentes.

— Bem, isso já ajuda. — “Que bom que ela **não** entendeu.”, achou ele, que ainda tinha medo de admitir seus interesses, fossem amorosos ou não. (~~afinal, ficar por duas semanas ouvindo zombaria apenas por gostar de filmes românticos não era uma experiência legal~~).

Teria ficado tudo por isso mesmo, não fosse Saulo ter concluído com:

— Não vou me declarar por enquanto.

Em vez de falar “Vou usar essa ideia na história”.



Depois daquela aula, o fato “Saulo gostar de Giulia” passara a ser um *segredo compartilhado* (~~olha mais um clichê de anime!~~) entre ele e Anna. E isso fez com que Anna pensasse novamente em mudança.

Por quê? Para tornar-se a pessoa extrovertida que nunca fora. Conseguir fazer amizade com pessoas de outras turmas, como as amigas e, quem sabe, começar um contato com Leandro. E por que ele? Era admirado pelas colegas de classe e fora gentil com ela. Então, nada mais natural (e que seria bem-visto pelas amigas) do que se interessar por ele, escolhê-lo como o garoto “experiente” (implicando experiências com namoros também, mas de um jeito inocente – se fosse possível) que a iniciaria nos segredos e aventuras do amor. (quem sabe...)

Na realidade, era preciso começar por algum lugar (~~já é a 5ª aparição dessa frase~~) mais baixo. Pensar bem no que fazer antes de realmente fazer algo. Como Anna não tinha a mínima ideia do que faria, questionou o amigo.

— Acha que eu preciso mudar de atitude para ser amada?

“Quê?” Foi a reação mental de Saulo.

— Não. Quem te amar vai gostar do jeito que você é. E você é legal assim.

“Grata pelo elogio”. Anna sorriu em agradecimento. Mesmo assim, continuou:

— Mas, e se eu mudar por gostar de alguém, será que ajuda?

— Não sei, às vezes mudar pode ser bom, mas mudar por causa de alguém... Não vale a pena, pelo que eu acho. Tem alguém que você goste?

— Tem um garoto do primeiro colegial que... Bem... Ele é legal, é bonito... — confessou Anna, meio envergonhada — Mas eu nem acho que ele me conheça, então eu queria ser mais popular para ter coragem de falar com ele.

— Isso não é por causa das suas amiguinhas, ou é? Não precisa fazer as coisas só por causa delas, tá?

— Não tem a ver com elas (não diretamente).

— Então, qual é o motivo da mudança? Não precisa ser popular para falar com a pessoa que gosta.

— É mais porque...

A garota tomou fôlego. Assim como Saulo não assumira seu amor à pessoa amada, ela também precisava de um pouco de coragem a mais para falar que:

— Eu nunca namorei ninguém. Nem beijar eu sei.

E não era como se Saulo tivesse feito mais do que ficar uma vez com uma menina qualquer há uns quatro anos. Ficavam de mãos dadas e davam uns beijinhos quando não tinha

ninguém olhando... Até que “Terminaram” depois que foram flagrados por descuido.

Envergonhada, Anna continuou.

— E eu penso em sair com ele, mesmo sabendo que não tenho chances. Então, acho que preciso ficar mais sociável, não é?

— Não precisa ter vergonha, nem ser popular. Você não é a única que nunca deu um beijo por aqui.

— Você já deu... Seu primeiro beijo?

— Já. — “Assim não dá para animá-la! Tentar mudar de assunto!” — Mas, então quer que esse garoto que você gosta seja seu primeiro namorado.

Aceno de cabeça, assentindo (depois de hesitar um pouco).

— E se chegar direto nele quando o ver sozinho e falar que quer ficar com ele? (às vezes o método direto funciona, oras!)

“Não sei se tenho coragem para fazer isso”, recusou a menina. Afinal, receava declarações de amor diretas: “Zombariam de mim, assim como fizeram na minha antiga classe, só porque eu disse que achava um menino maneiro.”

— Não sei...

— Então, e se tentar falar alguma coisinha com ele. Por exemplo, um “oi”.

— Não, esquece. Não tem jeito.

Saulo pensava igual. Pensava que não tinha chances com Giulia, mas, mesmo assim se declararia para ela. Tentou passar essa ideia:

— Acho que você deve fazer alguma coisa. Não apenas mudar o penteado e nem a personalidade. É só tentar se aproximar um pouco. Talvez...

Ele tentou passar algumas dicas que tentava seguir. Mesmo que fosse pouco, animou um pouco a amiga. Não que ela se sentisse capaz de fazer qualquer coisa a partir daquele dia, mas acendeu-se um otimismo no coração dela. Pequenas oportunidades para *tentar* coisas que queria saber como era, pelo menos uma vez na vida. Já estava bom.



Até aquela altura, Anna e Saulo eram apenas amigos, que sentavam-se um ao lado do outro. Saulo era apaixonado por Giulia há uns dois anos, após ver a garota entrar na classe dele. Anna tinha um interesse por Leandro, desde o segundo dia de aula dela. Saulo queria se declarar para a amada. Anna queria conhecer melhor o amor e a pessoa por quem se interessava.

Antes que batesse o sinal de retorno às aulas, Saulo prometeu que tentaria ajudá-la a falar com Leandro. Anna agradeceu, e mesmo que não tivesse falado nada ao amigo, desejava conhecer Giulia corretamente (boatos não ajudam a conhecer a verdadeira face de uma pessoa) e, com isso, ajudá-lo em sua declaração de amor.

Pois é, parece que temos muito ainda pela frente, a partir do início de setembro e da primavera. E é desse lugar, não mais algum lugar qualquer, que realmente começamos essa história, essa conversa sobre amor.

***(Acaba-se a estação, mas apenas a primeira. Continua...)***